



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12676 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

ADOCIMENTO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Berta Leni Costa Cardoso - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

Welton Cardoso Junior - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

ADOCIMENTO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

RESUMO

O docente do ensino superior deve agir no sentido de transformar a sociedade, portanto, a sua atuação implica na compreensão da importância em que se situa, assim como, da importância dos espaços institucionalizados onde irá desenvolver-se. O presente artigo tem como objetivo avaliar o adoecimento dos docentes da pós-graduação no contexto da pandemia. Participaram da pesquisa docentes dos cursos de pós-graduação da UESB e responderam o Protocolo de Disfunções Autônomas (PDA) adaptado. As respostas permitiram a construção de um banco de dados comparativo entre percepções anteriores e as atribuídas ao período de trabalho durante a pandemia. Os resultados do estudo mostraram que essas transformações que atingiram a sociedade aumentaram o estresse no trabalho destes professores, predispondo-os ao adoecimento. A pandemia trouxe à tona o que já vem sendo denunciado na área de educação, especialmente na pública, em que os movimentos hegemônicos buscam agressivamente construir novos mercados em todos os níveis de ensino levando o docente ao adoecimento.

Palavras-chave: Adoecimento Docente. Pós-graduação. Pandemia.

INTRODUÇÃO

A docência do ensino superior, inclusive no subsistema das pós-graduações, embora ainda não abrangida pelo *status* e pela valorização da profissionalização no Brasil, de maneira organizativa já está sob a égide de critérios semelhantes. Além disso, segundo Nunes e Oliveira (2017), o trabalho docente envolve uma diversidade de tarefas e atuações fundamentadas na interação humana, e por todas as especificidades dela decorrentes, demanda do professor muito esforço contínuo, tanto físico e psíquico quanto social.

Imbricando o tema no contexto da atual pandemia no Brasil, temos que o distanciamento social, como medida preventiva até a vacinação em massa, determinou abruptamente impactos na área da educação e, conseqüentemente, no trabalho dos professores. Na medida em que a atividade presencial foi suspensa, houve uma mudança nas rotinas dos discentes, docentes e famílias de ambos. Por conseguinte, foi possível sentir uma mudança na circulação desses indivíduos no contexto urbanístico.

Essa aparência de que as atividades educacionais se mantiveram suspensas, pode ter contribuído também para uma percepção superficial social de que o desejo dos docentes era pela manutenção deste *status* e que, pelo oportunismo da situação, assim poderiam se manter em casa seguros, percebendo salários e sem efetivamente trabalhar. Os docentes foram desafiados a modificar suas atividades para o formato remoto o que envolveu grande esforço laboral e, muitas vezes, com condições ainda mais precárias de trabalho.

Além de ser mais exigido por seus conhecimentos e pelo que lhe compete, o docente ainda passou a ser cobrado pela não paralisação educacional advinda do momento da pandemia da Covid-19. Eis que se fez mister compreender melhor essa realidade e objetivo do presente estudo foi avaliar o adoecimento do docente da pós-graduação no contexto da pandemia.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa realizada com docentes de Programas de Pós-Graduações *Stricto Sensu* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Como critério de inclusão o docente devia estar em atividade nos respectivos programas antes e durante a pandemia.

Utilizou-se um questionário sociodemográfico e de adoecimento através do Protocolo de Disfunções Autônomas (PDA) adaptado. As variáveis foram confrontadas para efeito estatístico no estudo de tendências centrais e de correlações entre elas.

Os questionários foram apresentados por meio da plataforma Web Google Formulários™ mediante convites enviados via e-mails fornecidos pela instituição no primeiro

semestre de 2022. Portanto, a temporalidade da coleta coincidiu com os momentos finais da fase mais crítica de isolamento social durante pandemia no país.

A pesquisa foi aprovada pelo CEP da Universidade Estadual da Bahia sob o parecer 5.306.315 e a análise estatística considerou as frequências absolutas, relativas e a Moda bem como correlações entre aqueles elementos com distribuição homogênea de respostas (Pearson) através do software SPSS versão 20.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 80 docentes que atuam nos 17 programas presenciais de pós-graduação da UESB e apresentaram um perfil predominante de idade média entre 40 e 50 anos, cor/raça predominante branca, foram equitativos em relação ao gênero e convivem conjugalmente em uma família com média de 3 pessoas.

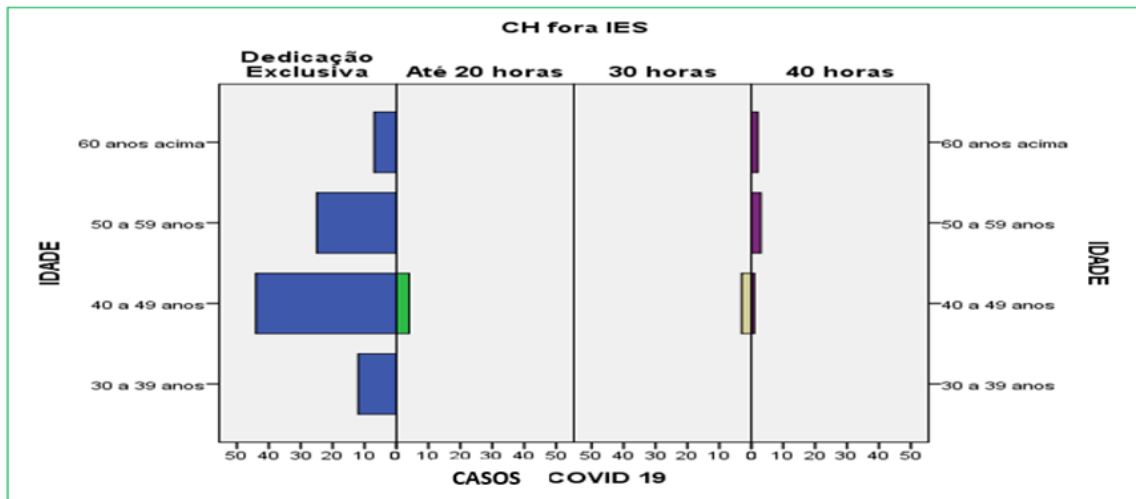
Os docentes, além de inquiridos sobre a COVID-19, foram questionados sobre sinais e sintomas, físicos e mentais, que denotassem condições patológicas, dentro de um rol amplo de possibilidades e relacionadas a vários sistemas orgânicos e mentais do ser humano, inclusive, queixas relacionadas ao trabalho docente. No questionário havia a possibilidade deles responderem se estes sinais e sintomas nunca haviam sido percebidos ou se eles se mantiveram, agravaram, ou foram desenvolvidos durante a pandemia.

Em relação aos indicadores diretos da pandemia, é importante enfatizar que todos os pesquisados já estavam com a vacinação completa de acordo com os calendários de vacinação em suas respectivas faixas etárias.

Entre os docentes pesquisados, 47 declararam que não desenvolveram (58,8%) a COVID-19 e 33 (41,3%) desenvolveram. Desses, 29 desenvolveram apenas uma vez (36,3%) e 4 (5%) duas vezes. Entre os docentes que sofreram com a COVID-19, foi confirmada a tendência de desenvolvimento de queixas repetidas para as doenças respiratórias.

Em relação ao efeito direto da pandemia sobre os docentes de dedicação exclusiva, foi percebido um maior número de contaminados entre os que estão nas duas categorias etárias intermediárias, entre 40 e 59 anos de idade, seguido pelos mais jovens, de 30 a 39 anos, e com menor número de contaminados no grupo etário acima de 60 anos.

Figura 1 — Tendência de contaminação pela COVID-19 por faixas etárias e jornadas de trabalho

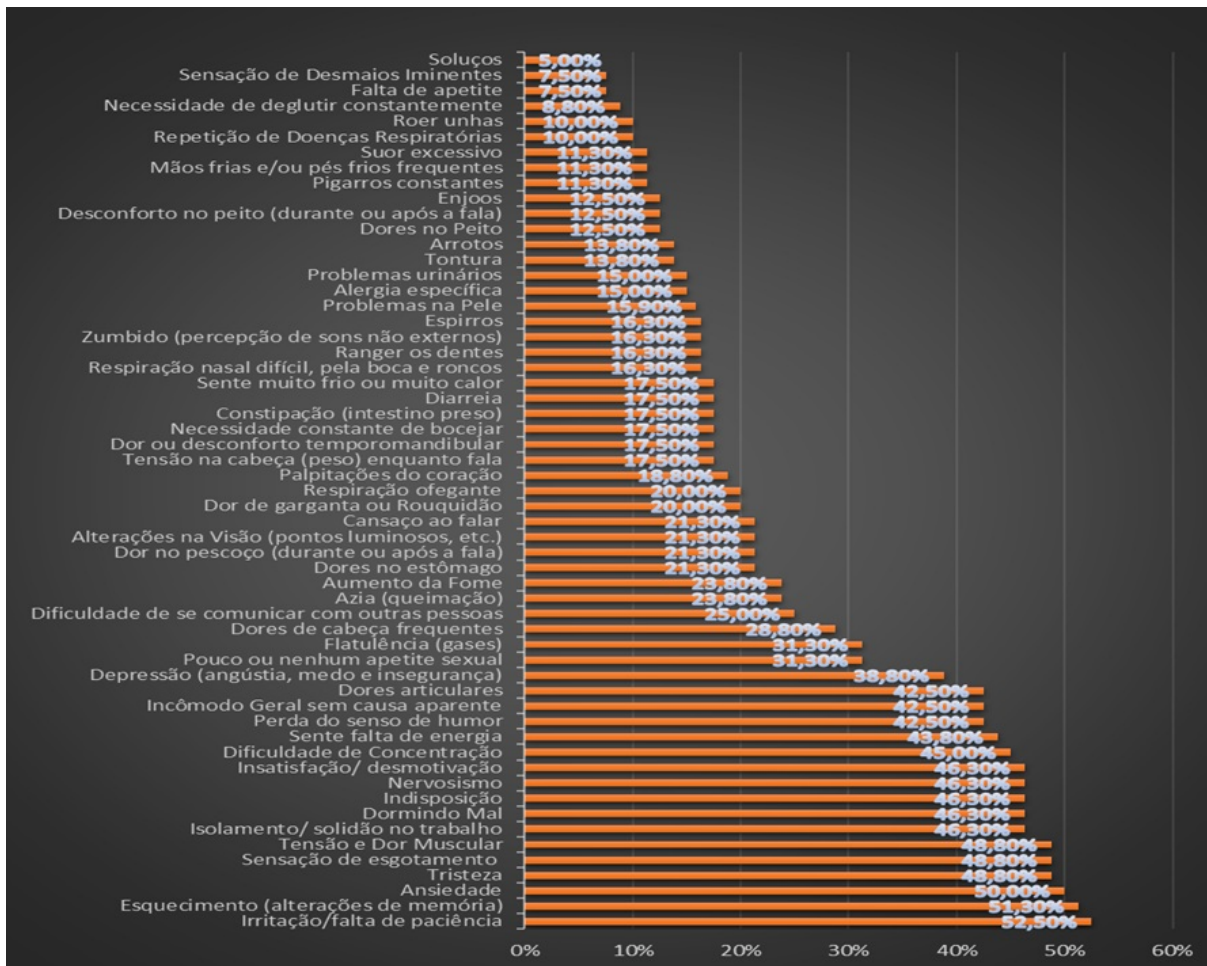


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Entre os docentes com carga horária de trabalho além da que perfaz na UESB, a maior contaminação ocorreu na faixa etária entre 40 e 59 anos.

Sobre os sinais e sintomas de adoecimento não diretamente associados à COVID-19, o gráfico 1 resume a frequência percentual de docentes que o referiram agravados ou desenvolvidos durante a pandemia por ordem crescente de frequência. Além disso, é possível constatar a prevalência dos sinais e sintomas de ordem mental com maior frequência e na base da distribuição. Da mesma forma, demonstra a incidência de outros sinais e sintomas desse adoecimento, identificando quais sistemas foram os mais acometidos devido ao contexto da pandemia.

Gráfico 1 — Percentual de docentes com sinais ou sintomas desenvolvidos ou agravados durante a pandemia por ordem de frequência



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em destaque, encontramos: irritabilidade, distúrbios da memória (hipomnésia ou memória reduzida), distúrbios da afetividade (tristeza, baixo humor e depressão) e patologias da vontade e do desejo (hipobulia ou baixa vontade ou esgotamento da vontade).

Seguiram-se: distúrbios do sono, distúrbios álgicos (dores) e tensionais musculares, orgânicos da digestão, disfunções otorrinolaringológicas (vocalização, audição, equilíbrio), alterações visuais, disfunções do sistema nervoso autônomo e cardiovascular, alergias, alterações na pele e sinais de imunidade reduzida.

A maioria dos sinais e sintomas desenvolvidos ou agravados durante a pandemia incidira significativamente sobre os docentes do gênero feminino, especialmente no adoecimento mental, destacadamente pela maior sensação de esgotamento (Burnout). Contudo, nos docentes do gênero masculino, prevaleceram alguns sinais e sintomas de natureza digestiva (arrotos, azia e dores no estômago), otorrinolaringológicos (zumbidos, tontura, espirros e alergias), alterações visuais e palpitações cardíacas.

Ruza e Silva (2016) identificaram diversos sintomas nocivos ao bem-estar dos professores de pós-graduação pesquisados, como estresse (72,2%), fadiga (66,7%), ansiedade (50%), alteração repentina do estado de humor (41,7%), insônia ou dificuldade de dormir

(38,9%), estado depressivo passageiro (38,9%), dificuldade de concentração e memória (30,6%), problemas na voz (30,6%), dores musculares (30,6%) e problemas cardíacos (11,1%).

Castro Neta, Cardoso e Nunes (2021, p. 2077) ratificam que, diante das condições, especialmente de caráter negativo, com que o docente exerce seu trabalho, este passa “a manifestar sentimentos negativos intensos, como angústia, alienação, ansiedade e desmotivação, além de exaustão emocional, frieza perante as dificuldades dos outros, insensibilidade e postura desumanizada, comprometendo sobremaneira o seu desenvolvimento profissional”.

Caires *et al.* (2022) verificaram a qualidade de vida, a ocorrência do estresse, ansiedade e depressão de docentes universitários de uma IES da Bahia e averiguaram que 38,8% dos pesquisados possuem sintomas de estresse, destes, 20,3% são do sexo feminino e 9,2% do sexo masculino; apenas as mulheres apresentaram sintomas da fase de exaustão. Os autores chamam a atenção que 41% dos pesquisados revelaram sintomatologia que indica adoecimento mental com significância da associação ($p=0,000$) entre as variáveis ansiedade e depressão.

Em relação ao estado conjugal, os sinais e os sintomas apresentaram uma tendência central (Moda) para prevalecerem nos docentes que têm companheiro(a) (Moda=2), exceto naqueles que desenvolveram o roer de unhas e a sensação de desmaios iminentes durante a pandemia. Nestes últimos, a tendência estatisticamente determinada foi a de ocorrência prevalente nos docentes solteiros ou divorciados (Moda=1).

O estudo aponta que aqueles docentes que já vinham apresentando maior estresse antes da pandemia estão mais associados ao adoecimento mental durante a pandemia.

Segundo Barros *et al.* (2022), o docente está cada vez mais submetido à lógica atual de mercado neoliberal, produtivista e, precarizando o trabalho, sentindo-se obrigado a cumprir extensas jornadas de trabalho e refletindo essa realidade em condições geradoras de adoecimento psíquico que interfere na qualidade de vida deste. Os autores afirmam que o adoecimento psíquico do docente advém das más condições de trabalho, altas cobranças, negligência do cuidado de si, competitividade, individualismo entre os pares, desrespeito, desvalorização profissional e exaustão com o trabalho.

Em relação à aptidão física, notou-se que há uma melhor condição no grupo o qual refere que os sinais e sintomas patológicos se desenvolveram durante a pandemia, ao passo que nos que referiram os sinais e sintomas durante a pandemia como agravados foi demonstrada uma tendência pior (Moda = 1) para a aptidão física. Os docentes que relataram disfunção mental durante a pandemia, a aptidão física tendeu a ser menor no grupo que os referiu, também, como agravados. Ou seja, essa análise nos permite prever que quanto mais fisicamente aptos estão os docentes pesquisados, menos estão associados ao desenvolvimento de sinais e sintomas de ordem mental.

Foi possível evidenciar uma correlação forte e positiva (Correlação de Pearson = 0,801) entre os docentes com queixas de insatisfação e desmotivação com o trabalho e os sintomas de sensação de esgotamento físico, patognomônica para a Síndrome de Burnout.

Barros *et al.* (2022) afirmam que o adoecimento psíquico do docente se manifesta em forma de depressão, ansiedade, estresse, Burnout, gerando cada vez mais sentimentos de desesperança, tristeza, solidão, incompetência e desânimo. Os autores acrescentam que, durante a pandemia, intensificaram-se as novas formas de trabalho em face das novas demandas, colocando o professor diante de desafios que promovem, muitas vezes, a perda da qualidade de vida no trabalho, além do adoecimento psíquico sobrepujado pelo contexto de precarização do seu trabalho.

Em relação à qualidade de vida durante a pandemia, observou-se uma tendência central de piora (Moda=1) quando foi declarada a insatisfação com a condição de saúde, também, quando o adoecimento exige alguma demanda por tratamento médico.

Por fim, houve uma tendência central para a presença de adoecimento entre os que declararam hipossuficiência financeira para as suas necessidades cotidianas, mas queixas auditivas, roncos e dores no estômago demonstraram associação com aqueles que declararam suficiência financeira para suas necessidades (Moda = 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição desse estudo fomenta a discussão em torno da figura do professor universitário, em uma reflexão pautada para um profissional essencial à sociedade. As necessidades dessa categoria diante da pandemia foram uma oportunidade para expandir esses conhecimentos, ampliando as possibilidades de engajamento científico em torno de um olhar crítico para a profissionalização da docência do ensino superior.

A pandemia trouxe à tona o que já vem sendo denunciado na área de educação, especialmente na pública, em que os movimentos hegemônicos buscam agressivamente construir novos mercados em todos os níveis de ensino levando o docente ao adoecimento.

A profissionalização pedagógica do docente do ensino superior parece ser uma medida necessária e urgente nesse sentido contra hegemônico. Valorizar a docência, promovendo aos seus sujeitos uma qualidade de vida digna e o prazer no desempenho das suas atribuições é o melhor investimento para o desenvolvimento sustentável da nossa nação.

REFERÊNCIAS

BARROS, Cláudia C. Andrade; SEIXAS, Marisa Fernandes; NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa. A precarização do trabalho docente e seus efeitos no adoecimento psíquico e na qualidade de vida. *In*: CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina P. Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 109-128.

CAIRES, Naitheli da Silva; OLIVEIRA, Elen C. Chaves; CARDOSO, Berta Leni Costa; COSTA, Keyla Iane D. Brito; PRADO NETTO, Arthur O. Pereira. Qualidade de vida e níveis de estresse, ansiedade e depressão de docentes universitários. Cap. 13. *In*: SILVA, Américo Junior Nunes da (orgs.). **A educação enquanto fenômeno social: Gestão e práticas pedagógicas 2**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. P.154-165.

CASTRO NETA, Abília A. de; CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto. Desenvolvimento profissional e precarização do trabalho docente: perspectivas e (des)continuidades. **Revista Ibero-Americano de Estudos em Educação**. Araraquara. V.16, n.3, p.2067-2082, jul./set. 2021.

NUNES, Cláudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.43, n.1, p.65-80, jan./mar. 2017.

RUZA, Fábio Machado; SILVA, Eduardo Pinto. A transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? **Revista Subjetividade**. Fortaleza, 16(1); p.91-103, abril, 2016.